

# Diagnóstico de TDAH: será mesmo que o que não tem remédio, remediado está?

## Autoras:

### Edilene Teixeira de Souza

Mestre em Educação, professora da Secretaria de Educação do GDF, DF

### Emília Carvalho Leitão Biato

Doutora em Educação, professora da Universidade de Brasília, DF

## Resumo

A normatização da vida tem como consequência a conversão dos problemas próprios de quem vive, em doenças ou transtornos. Tudo o que desvia da força normativa acaba sendo transformado em doença ou problema individual. Nesse sentido, este artigo se propõe a problematizar a importância dada ao diagnóstico de Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), e consequentemente, pensar criticamente sobre a medicalização da aprendizagem no contexto escolar. Para tanto, parte-se da revisão de literatura, com ênfase em conceitos sobre normalidade, diferença e tradução. Além disso, apresenta-se um estudo realizado com adultos que possuem diagnóstico de TDAH, que fazem ou fizeram uso de medicação, como parte do tratamento. Utiliza-se a Otobiografia como método de escuta biográfica de vivências para pensar sobre as diferentes nuances que envolvem a questão. Dentre as conclusões, aponta-se a necessidade de criar novos procedimentos que favoreçam a valorização das diferentes formas de aprender, ser, agir e pensar, como sinal de uma educação efetivamente inclusiva.

**Palavras-chave:** Medicalização. Normalidade. Aprendizagem.

DOI: 10.58203/Licuri.22566

### Como citar este capítulo:

SOUZA, Edilene TeixeirA; BIATO, Emília Carvalho Leitão. Diagnóstico de TDAH: será mesmo que o que não tem remédio, remediado está? In: CHAVES, Marcelo Henrique Guedes (Org.). **Perspectivas e estudos emergentes em Ciências da Saúde**. Campina Grande: Licuri, 2024, p. 52-64.

ISBN: 978-65-85562-25-6

## INTRODUÇÃO

Não é incomum que, dentro do espaço escolar, os pais procurem ajuda das equipes de apoio, de professores, e até da equipe gestora, no sentido de obter algum tipo de resposta que justifique ou explique o comportamento ou os resultados acadêmicos que os filhos não alcançaram. As faltas pessoais, o não enquadramento e o mau comportamento são causas de rebaixamento e responsabilização individual pelo fracasso, na escola e na vida.

No afã de buscar respostas para o que comumente se nomeia fracasso, não o da arte, mas o escolar, uma gama de profissionais, entre eles, professores, pedagogos, orientadores educacionais, psicólogos, pediatras, neurologistas, entre outros, passa a disputar narrativas com familiares, programas de televisão, redes sociais, e até a igreja.

Rocha (2006) alerta para a crescente demanda por diagnósticos diante de uma espécie de “culto à normalidade”, em que qualquer desvio padrão deve ser profundamente investigado. E nesse processo, cada vez mais, pessoas alheias ao núcleo familiar passaram a exigir validação de comportamentos por meio de diagnósticos.

Nesse contexto, questiona-se a proliferação dos diagnósticos médicos de transtorno de conduta, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, dislexia, discalculia, entre outros do gênero. Características comportamentais e resultados diferentes do esperado têm sido, invariavelmente, tomados como desvios. As características pessoais e intersubjetivas acabam não tendo valor significativo nesse tipo de prática.

De acordo com boletim farmacológico fornecido pelo Sistema Nacional de Gerenciamento de Produtos Controlados (SNGPC), vinculado à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), do Ministério da Saúde, há indícios de que a Ritalina (Metilfenidato) tem sido difundida de forma equivocada. O boletim, tornado público em 2012, sugere que crianças que não possuem diagnóstico de Transtorno do Déficit de Atenção e hiperatividade (TDAH) podem estar sendo medicadas sem necessidade e que sintomas de transtorno podem ser encontrados no comportamento dos indivíduos com desenvolvimento considerado padrão.

Parece haver uma tentativa de domesticar a infância para facilitar a contenção dos seus arroubos, singularidades e indeterminismos, mas as crianças são as testemunhas das novidades e a novidade não comporta formatos, modelos ou homogeneizações. Pablo Neruda (1953) imortalizou essa realidade no poema “Ao pé de sua criança”, mostrando o

pé infantil otimista, que quer ser tudo, mas acaba derrotado e preso em um sapato, explorando a vida como um cego.

Sobre as tentativas de homogeneização, Roudinesco (2022) pontua que alguns conceitos da psiquiatria cederam espaço para noções de transtorno (*disorder*) e afirma que sentimentos, como timidez, medo, angústia, vazio, entre outros, não passam de “doenças imaginárias”, criadas para facilitar classificações.

Nessa direção, o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade e todas as suas nuances podem ser considerados como a constituição de uma produção social que não se limita ao indivíduo em particular. A percepção externa sobre o comportamento hiperativo e desatento não ocorre na comparação do indivíduo consigo mesmo, nem se basta em fatores biológicos, pois sua constituição se dá nas relações com o contexto do qual faz parte.

Portanto, este estudo de cunho qualitativo, se propõe a uma interface entre saúde e educação, a partir do resgate de memórias sobre as vivências escolares experimentadas por pessoas adultas e suas formas de lidar e conviver com o diagnóstico de TDAH ao longo de suas vidas. Deste modo, a questão principal que orienta este estudo é como pensar uma educação emancipadora, que respeite os processos de individuação e considere modos de ser, agir, pensar e sentir, sem necessariamente atender a padrões de normalidade impostos socialmente.

## METODOLOGIA

O método otobiográfico, escolhido para utilização neste estudo, se compõe pela escuta de vivências, que não busca interpretar de forma hermenêutica o que é dito pelos participantes e categorizar suas falas sob qualquer aspecto normatizador, nem mesmo desvelar o que é dito para se chegar à verdade primeira.

A Otobiografia se alia a um tipo de interpretação sob o prisma de quem assiste um artista em cena, admitindo ficção e realidade simultaneamente. A investigação otobiográfica é a audição das vivências, e conforme orienta Monteiro (2007, p. 483), “não coleta dados; recolhe e espalha: emprega, mesmo sob a pena de contrafação, conceitos já fabricados, experimentando-os em outros espaços”.

Monteiro (2020) afirma, ainda, que a opção pelo método otobiográfico prioriza uma escuta de vivências que acaba favorecendo novos processos de individuação sob diferentes

perspectivas, ressignificações de conceitos e práticas, visando uma proximidade maior com o que se pesquisa.

Deste modo, Monteiro (2004) criou o Método Otobiográfico baseado no conceito de Otobiografia, de Jacques Derrida, a partir das leituras que este fez em Nietzsche, “para construir elementos de reflexão e análise acerca do sentido de um escrito. É pressuposto que a produção escrita contribui para a construção do sentido de vida do escritor” (Monteiro, 2007, p. 473).

Ao criar o método, Monteiro (2004) buscava elementos que pudessem contribuir para a compreensão de fenômenos que julgava complexos, evitando dar tratamento reducionista à potência criadora das produções escritas em sua investigação.

Portanto, o método Otobiográfico utilizado nesta análise significa a escuta da biografia, bem como ouvir a história, os relatos, a vida de um indivíduo. Nessa esteira, Santana, Monteiro e Souza (2012) apontam que não se trata do simples ato de captação do som, mas à busca de significados e perspectivas nos textos autobiográficos. Esse percurso labiríntico de aguçar os ouvidos revela-se incerto, e ao mesmo tempo fascinante.

Desta feita, optamos por utilizar a entrevista como instrumento viabilizador das escutas. O percurso pelo qual a entrevista se orienta é vacilante e parte também das vivências da entrevistadora, pois assim como afirma Nietzsche (1995, p. 77), “Ninguém pode escutar nas coisas, inclusive nos livros, mais do que já sabe. Não se tem ouvidos para escutar aquilo a que não se tem acesso pela experiência vivida”.

Seguindo a lógica nietzschiana na qual a otobiografia se fundamenta para tomar nota das vivências dos participantes que possuem diagnóstico de TDAH, coloca-se o ouvido à disposição de quem fala, mas não como uma audição cega e descomprometida, e sim como quem tateia escombros, dando crédito ao que pode ser fabulado ou mesmo performado (Biato, Ceccim e Monteiro, 2017).

Impende ressaltar que a pesquisa em questão compõe-se no contexto de projeto mais amplo vinculado ao grupo de estudos sobre formação e integração ensino-serviço-comunidade (GEFIESCO/UnB). Cumpre enfatizar que a presente pesquisa recebe apoio do CNPq (Chamada 26/2021) e obteve aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o registro de CAAE: 43361320.4.0000.0030.

Os participantes da pesquisa resultaram de uma busca ativa feita pela pesquisadora e preencheram requisitos julgados importantes para essa investigação, quais sejam: ter

formação superior, profissões distintas e não apresentar dificuldade para falar abertamente sobre a experiência com a medicação e o diagnóstico que possuem, o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

Diante do aceite de participação no estudo, permitiram a gravação e transcrição de suas falas. Para a fruição da entrevista, foi utilizado um pequeno roteiro previamente definido que permitiu a flexibilidade nas respostas e possibilitou a expressão das subjetividades dos participantes. Seguindo normas éticas, os nomes verdadeiros foram ocultados e substituídos pelos de conhecidos deuses da mitologia grega, a saber: Hércules, Morfeu e Thêmis.

A pesquisadora optou por realizar esse estudo com adultos, a fim de, a partir das vivências relatadas, pudesse escutar os percursos e as percepções individuais acerca do diagnóstico, da importância que atribuem à medicação, aos rótulos e estigmas, à atenção recebida na escola, pela família, entre outros fatores. Passa-se, então, à apresentação dos participantes.

Hércules é um homem branco, heterossexual, atualmente com 29 anos, solteiro, educador físico e estudante para concurso. Alega que não toma mais medicação para TDAH desde o final da adolescência e que já tomou Ritalina e Venvanse. Para atingir o objetivo de ser aprovado em concurso público, chega a estudar 7 horas sozinho, diariamente. Esclarece que, mesmo quando fazia uso da Ritalina, não percebia que a mencionada medicação fizesse efeitos em seu corpo. Considera-se disperso, mas hoje, tem objetivos e mais entendimento sobre a necessidade de estudar. Prefere assistir à videoaula a realizar leituras; enquanto estuda, precisa fazer anotações e pequenos resumos. Não lembra de ter recebido tratamento diferenciado na escola por conta de seu diagnóstico.

Morfeu é um homem pardo, heterossexual, no momento tem 44 anos, solteiro e economista. Foi diagnosticado com TDAH já na fase adulta. Faz uso de 50 mg de Venvanse diariamente, além de outras medicações.

Thêmis é uma mulher negra, heterossexual, está hoje com 29 anos, solteira, advogada e professora. Conta que foi diagnosticada com TDAH na infância e utiliza Ritalina ininterruptamente desde o diagnóstico. Além disso, lança mão de aromaterapia (há 4 anos) e Yoga (6 anos) como parte do tratamento.

Considerando as peculiaridades do método em questão, foram realizados os seguintes procedimentos:

1. Realização de entrevistas: as entrevistas foram realizadas individualmente e, para otimizar a sua condução, a conversa se orientou com base nas seguintes perguntas norteadoras, que se desdobraram nas conversas: a) Você conhece outras pessoas adultas diagnosticadas com TDAH ou outros transtornos? b) Você percebeu mudança na relação com os professores após a entrega ou o comunicado de seu diagnóstico? c) Como isso aconteceu? d) O uso da medicação ajudou você a ter um desempenho acadêmico melhor? e) Tomar remédio trouxe algum efeito ruim para você? f) Qual a prescrição utiliza atualmente? g) A dosagem já foi menor? h) Você se considera uma pessoa normal? i) Como você se organiza atualmente para trabalhar e estudar?

2. Problematização: buscou-se contextualizar o conceito de normalidade, a partir da apreciação prévia do vídeo O Ex ET. Os participantes receberam o arquivo da animação via WhatsApp e a história retratada possibilitou a sensibilização eficiente em relação à abordagem sobre normalidade e diferença. A animação reproduz um planeta onde toda a vida é absolutamente ordenada e regulada. Trata-se de uma sociedade baseada na ordem, sincronicidade e na padronização, em que não existem diferenças, tampouco divergências, ou conflitos. Tudo é paz, norma e uniformização. E os habitantes do planeta, supostamente, são felizes assim, com exceção de um deles, o protagonista, que por não se alinhar, acaba submetido a intervenções de especialistas, medicação e até expulsão do planeta em questão.

3. Escrita: intentou-se a estratégia de escrita criativa/autoral para que cada participante pudesse produzir um pequeno registro escrito sobre a temática abordada na conversa. A partir dos registros de transcrição das falas dos participantes, foram atribuídas a devida autoria e assinatura. Contudo, a pesquisadora, que não se manteve neutra nem distante, também contribuiu para com a escrita autobiográfica, na qualidade de escritora e interlocutora ativa dos demais participantes.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a finalidade de demonstrar parte dos alcances obtidos com essa pesquisa, apresentam-se alguns recortes de trechos transcritos, a partir de registros dos participantes no momento da escuta autobiográfica. Sem a pretensão de esgotar a discussão, tenta-se teorizar esses registros com conceitos de autores que contribuem com uma crítica de pensamento voltada para a singularidade dos indivíduos e de suas vivências.

Na transcrição abaixo, observa-se como Morfeu, utilizando a criatividade e o conhecimento sobre si e suas potencialidades, encontrou, nas anotações, uma estratégia para gerir sua vida no trabalho, apesar de se considerar desatento:

*Para mim, a melhor hora de trabalhar é mais para a noite, quando todo mundo já foi embora, telefone para de tocar, para de chegar email... Escrito, agenda, papelzinho no bolso, arquivo de computador, vários lembretes, caderno... Aí eu tenho que escrever as coisas que aconteceram para depois ficar lembrando. Vou montando um sistema de informações (Morfeu, 2023).*

O médico e filósofo Canguilhem (2012, p. 83) afirma que “o ser vivo vive num mundo de acidentes possíveis”. Normalidade, portanto, pode ser explicada como a capacidade de criar novas formas de viver, em meio às intercorrências do meio no qual se está inserido. No texto transcrito da fala do participante Morfeu (2023), verifica-se claramente esse esforço de recriar novas formas de organização para atender às necessidades da vida vivida. Analisando os sintomas e comportamentos por esta lógica, é possível encontrar respostas para fazermos uma aproximação a histórias que muitas vezes são marcadas pelo imprevisível e até mesmo pela sorte, ou a falta dela e que acabam por engendrar modos singulares de ser, estar e agir no mundo.

*Quando eu vejo falar do Normal e do Anormal, eu me pergunto muito o que é ser Normal. Você ser normal, é você ser aquela pessoa que segue uma caixinha, um roteiro, porque você tem que ser assim porque você tem que ser assado. Se você sair daquilo, daquela curva que a sociedade te impõe, exatamente isso, daquele estereótipo de normalidade que a sociedade tem, você é uma pessoa anormal (Thêmis, 2023).*

A participante Thêmis, em seu relato, parece ter clareza do quão nocivos os padrões de normalidade impostos socialmente podem ser.

Em *Vigiar e punir*, o filósofo Michel Foucault (1999) abre um espaço bastante fértil para o plantio de questionamentos relacionados à docilização dos corpos com vistas a atender aos anseios de disciplina almejados pela sociedade, e por que não dizer, pela escola também. Foucault critica a docilidade dos corpos que, segundo ele, são

convenientemente modelados para a submissão e utilização, podendo também ser passivamente transformados e aperfeiçoados como um objeto que se destina a uma finalidade específica. Neste sentido, a docilidade impõe assujeitamento e utilidade, ao mesmo tempo em que opera sob um corpo disciplinado, e sobretudo produtivo. Tal assujeitamento, que muitas vezes inicia na escola, não se encerra ao longo da vida.

No âmbito escolar, os estudantes que não se adaptam aos moldes de assujeitamento e docilização são comumente associados a algum tipo de transtorno mental. Foucault (1999) caracterizou a “doença mental” não como uma verdade que se diagnostica, mas sim uma entidade que se produz. O diagnóstico de doença mental retira do sujeito a capacidade e a credibilidade de falar sobre si mesmo. O relato de vivência que Hércules faz a seguir ilustra a dificuldade apresentada pela escola em relação à proposição de atividades diferenciadas, ou até mesmo mais atrativas. O estudante que não corresponde aos anseios da educação tradicional acaba sendo taxado como menos capaz.

*Na minha segunda série, a professora queria me mandar para o ensino especial porque eu não copiava o dever do quadro (Hércules, 2023).*

Nesse processo de patologização do normal (Maluf, 2010), as habilidades do estudante em cumprir ou não com o que lhe é solicitado indicam a adesão a um tipo de discurso traduzido em termos de presença/ausência de sintomas. Aqueles que apresentam descompasso devem passar pelo crivo de um ou mais especialistas.

De acordo com Thomas Szasz (1980), quando se trata de diagnosticar saúde mental, esse ato nunca é neutro e perpassa o julgamento moral do próprio médico. Assim sendo, questiona-se quais os critérios de mensuração utilizados para dizer que uma criança é “elétrica”, “devagar”, “apática”, “normal” ou “anormal”. E além disso, a quem interessa a docilidade mencionada por Foucault (1982)? Como essa docilidade pode ser estratégia de controle e disciplina nos espaços escolares?

*Eu era muito hiperativa. Sempre fui muito falante” (Thêmis, 2023).*

O relato de Thêmis suscita uma reflexão sobre o que é ser “muito falante”. Qual seria a medida ideal da fala de uma pessoa negra e do gênero feminino na sociedade atual?

Embora não seja este o objeto dessa pesquisa, diante do relato da participante em questão, torna-se impossível não refletir esta vivência sob o prisma dos recortes de gênero e raça.

Para Zola (2005), a medicina tem ditado padrões de normalidade, e por assim ser, tem, cada vez mais, assumido papel de reguladora social, função precipuamente designada à igreja e ao Estado.

O autor teceu críticas importantes, enfatizando que a medicalização, como um desdobramento do diagnóstico e tratamento para fenômenos próprios da vida humana, não era fato novo desde a década de 1970. O objeto de crítica permanece nos dias de hoje, uma vez que, para cada sintoma, prescreve-se um remédio. Medica-se o comportamento desviante, a sexualidade e a masculinidade. Há remédio para o sobrepeso, para a falta de memória, para engravidar e interromper a gravidez. Existem pílulas para diminuir a tristeza e a angústia, reduzir os sinais da senilidade e, por fim, disciplinar a infância.

A seguir, apresenta-se um trecho da entrevista com Morfeu, em que ele enfatiza, mais de uma vez, o seu incômodo em saber que precisa tomar medicação, e confessa que percebe efeitos sobre seu corpo:

*Me incomoda saber que eu preciso disso, porque quando eu fico sem a medicação, eu fico mais lento. Minha dificuldade de concentração aumenta, eu tenho menos energia, fico menos desperto. Isso me incomoda. Me incomoda saber que eu dependo disso. Eu não tomo só essa medicação. Eu sou psiquiátrico e tomo outras medicações. Eu sinto que isso vai tendo um efeito sobre o meu corpo. Sinto um certo gosto na boca. De remédio (Morfeu, 2023).*

Ivan Illich (1975) classifica a iatrogenia médica como uma espécie de Pandemia Moderna. O mesmo autor chega a apontar semelhanças entre escolas e hospitais. Segundo ele, essas instituições dirigem a vida de pobres e ricos, definem o que é certo e o que não é, partindo de um ponto de vista normatizador.

Ainda com Illich (1975) no horizonte, observa-se que a sociedade ocidental contemporânea não acolhe ternamente as críticas feitas à escola. Esta tem status semelhante ao da religião. Não se pode criticar. Deve-se aceitar a sua autoridade com a

mesma fé cega de quem se liberta do pecado original. Na religião, liberta-se do pecado; na escola, difunde-se a ideologia de libertação da ignorância, e o céu é representado pela ascensão, que se concretiza quando o poder aquisitivo aumenta. Nesse sentido, a escola se consolida como o canal compulsório de aprendizagem e o currículo escolar se torna rito de passagem para a sociedade de consumo.

Mais uma vez, em virtude de as questões da entrevista serem abertas e permitirem a expressão de subjetividade, é possível constatar que os participantes do estudo têm dimensão do quão normativas são as relações em sociedade. Os participantes mencionam também o poder negativo que o rótulo exerce, e Morfeu chega a considerar um desperdício de humanidade. Talvez Morfeu tenha razão. Padronizações podem realmente significar desperdício de talentos e oportunidades de vida.

*A maioria das pessoas tem que entrar naquela forminha da normalidade e tem que lutar para encontrar seu espaço. E quem não consegue se adequar, aí recebe esse carimbo, esse rótulo de anormal e tudo mais. Eu acho que isso aí é uma pena. Acho que isso é um grande desperdício da humanidade (Morfeu, 2023).*

Nem tudo o que se sabe foi aprendido na escola, e em concordância com o mestre Paulo Freire (1996), a aprendizagem resulta de situações significativas. Na percepção crítica de Ivan Illich (2018), a escola impõe uma padronização desumanizante que, ao perseguir metas de crescimento, esvazia os estudantes de criatividade e iniciativa, sob o jugo da instrução. Ao criticar o que chama de “guerra pedagógica” e os desdobramentos da Educação enquanto mercadoria, denota-se a preocupação com o tipo de sociedade que estará sendo gestada, pois, segundo ele: “Os terapeutas pedagógicos doparão sempre mais os seus alunos com a finalidade de ensiná-los melhor; os estudantes tomarão mais drogas para se aliviarem das pressões dos professores e da corrida para os diplomas” (p. 50).

Hércules (2023), ao partilhar sua vivência com a medicação retomada na fase adulta, resgata rótulos que recebera na infância, ao mencionar que, sob efeito de remédio, fica “muito elétrico, muito acelerado”.

*Eu, quando criança, não senti o efeito. Agora, fui tomar adulto e senti bastante os efeitos... muito elétrico, muito acelerado. Eu ficava com bruxismo. No final da noite, meu maxilar estava doendo muito (Hércules, 2023).*

Segundo Bordini *et al.* (2010), o TDAH é um dos transtornos psiquiátricos infantis mais comuns e, igualmente, dos mais estudados pela Medicina. O conceito mais difundido entende que se trata de uma condição neurobiológica causadora de importante prejuízo, caracterizada por desatenção, distração, inquietação e agitação, impulsividade e déficits nas funções executivas, com prejuízo no planejamento e na execução. Na maioria das vezes, o processo tradutório tem pais, mães, professores e cuidadores como emissores da observação, por eles realizada, dos comportamentos e sintomas notados na criança. Os destinatários geralmente são múltiplos profissionais, tais como pedagogos, psicólogos, fonoaudiólogos, neurologistas, entre outros, que assumem o papel de traduzir todos os discursos em uma linguagem única, que no caso específico, é o relatório diagnóstico.

Em Torres de Babel, Derrida (2002) sugere que o caos instituído por Deus ao se zangar com a pretensão humana de imitá-lo fez surgir a confusão das línguas e, conseqüentemente, deu um tom caótico de desordem, diferença, descontinuidade e incompreensão, impedindo, assim, que os babélicos obtivessem êxito em seus intentos.

Considerando que, nesse processo de tradução, tanto emissores como destinatários são também criadores, como garantir que o diagnóstico esteja desquitado de manifestações de personalidade de seus tradutores? Talvez, a pureza deste desquite não seja possível e tampouco desejável para quem recebe o diagnóstico e até mesmo para a composição de um diagnóstico e prognóstico acertados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo buscou problematizar a importância atribuída ao diagnóstico de aprendizagem, e conseqüentemente, ao excesso de medicalização em crianças e adolescentes nas escolas. Além disso, se propôs a lançar olhar mais crítico sobre práticas diagnósticas que acabam por desconsiderar vivências e subjetividades inerentes a cada indivíduo.

Com vasta quantidade de pesquisas sobre o assunto, observou-se que há indicadores expressivos de abuso de medicalização no ensino, e esse fator gera discursos, ora favoráveis à medicação, ora conformistas com o diagnóstico que se tem.

Neste percurso, houve preocupação em apontar que existem outras formas de lidar com o problema do baixo desempenho escolar, a partir de uma abordagem desmedicalizante que questiona as relações de poder e subalternização das diferentes formas de ser, sentir, agir e pensar.

Partindo dessas considerações sobre normalidade, o diagnóstico torna-se grande protagonista. É bem verdade que, às vezes, é o herói; e em outras, assume o papel de vilão. Ora parece ser importante e decisivo para descoberta, tratamento e cura de doenças graves; ora parece personagem traiçoeiro, falso e portador de inverdades que comprometem a biografia de quem teria o direito de ser quem é.

Daqui da arquibancada, observa-se que, mesmo que se utilizem as mais poderosas ferramentas tecnológicas, os estudos e equipamentos mais avançados em genética e todo tipo de inovação em exames e ressonâncias, ainda assim permanece a dificuldade de diagnosticar com precisão o que comumente se conhece como transtorno mental. O cérebro humano, assim como os modos de ser, sentir, pensar e de viver, ainda se constituem em um mistério que a ciência ainda não conseguiu desvendar.

## REFERÊNCIAS

BIATO, E. C. L.; CECCIM, R. B.; MONTEIRO, S. B. Processos de criação na atenção e na educação em saúde. Um exercício de “timpanização”. *Physis - Revista de Saúde Coletiva*, v. 27, n. 3, p. 621-640, 2017. Acesso em: 29 abr. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312017000300013>.

BORDINI, Daniela; ORSI, Paula; GATTÁS, Ivete G.; MERCADANTE, Marcos T. Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. In: FALCÃO, Luiz F. R. (org.). *Manual de Psiquiatria: Manual do Residente da Universidade Federal de São Paulo*. Associação dos Médicos Residentes da Escola Paulista de Medicina, São Paulo, Gen-Roca, 2010, p. 314-318.

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Clínica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense - Universitaria, 1982.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão*. 20. ed. São Paulo: Vozes, 1999. p. 117-125.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ILLICH, Ivan. **Limits to medical nemesis: The expropriation of health**. Toronto: Mario Boyars. London, 1975.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem Escolas**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

MALUF, Sônia Weidner. Gênero, saúde e aflição: políticas públicas, ativismo e experiências sociais. *In: MALUF, Sônia Weidner; TORNQUIST, Carmen Susana. (org.). Gênero, saúde e aflição: abordagens antropológicas*. Santa Catarina, 2010. p. 21-67.

MONTEIRO, Silas Borges. **Quando a pedagogia forma professores: Uma investigação otobiográfica**. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

MONTEIRO, Silas Borges. Otobiografia como escuta das vivências presentes nos escritos. **Educação e Pesquisa**, v. 33, n. 3, p. 471-484, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022007000300006>. Acesso em 27 abr. 2023.

MONTEIRO, Silas Borges. Labirinto Otobiográfico. *In: CORAZZA, S. M. (org). Métodos de transcrição: pesquisa em educação da diferença*. São Leopoldo: Editora Oikos, 2020.

NERUDA, Pablo. **Extravagário**. Chile: Lozada, 1958.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Ecce homo: como alguém se torna o que é**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROCHA, Ana Maria; SILVA, Antônio Ricardo. Em terra alheia, pisa no chão devagar. *In: ROCHA, Paulina Schmidtbauer (org.). Cata-ventos: Invenções na clínica psicanalítica institucional*. São Paulo: Escuta, 2006.

ROUDINESCO, Elisabeth. **O eu soberano: ensaio sobre as derivas identitárias**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

SZASZ, Thomas. **Ideologia e doença mental: Ensaio sobre a desumanização psiquiátrica do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

ZOLA, Irving Kenneth. Medicine as an institution of social control. *In: CONRAD, Peter (org.). The sociology of health e illness: critical perspectives*. Nova Iorque: Worth Publishers, 2005. p. 432-442.